NARRATIVA

MIGRANTE

© 2026, Fernanda Paixão, Marcelle Leal e Nayara Marfim

Todas as autoras. Todos os direitos reservados.

AUTORIA

Fernanda Paixão
Marcelle Leal
Nayara Marfim

CONCEPÇÃO E CURADORIA

Feltrip

REALIZAÇÃO

Coletiva DELAS

CONVIDADOS (AS)

Caminhada dia 7/11/25

Juliana Argollo (Historiadora - Brasil)
Ayoub Mnakbi (Migrante - Tunísia)

Caminhada dia 11/11/25

Jessika Rezende (Historiadora - Brasil)
Benvindo Manima (Migrante - Angola)

Caminhada dia 15/11/25

Ana Carolina de Souza (Historiadora - Brasil)
Alejandra Rojas (Migrante - Venezuela)

EDITORA
ColetivA DELAS

PUBLICADO POR COLETIVA DELAS
Brasil, 2026

ISBN 978-65-979986-0-9

Este livro foi produzido em formato digital.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paixão, Fernanda
Narrativa migrante [livro eletrônico] /
Fernanda Paixão, Marcelle Leal, Nayara Marfim. --
Rio de Janeiro : Coletiva Delas, 2026.
PDF

ISBN 978-65-979986-0-9

1. Diário - Literatura 2. Ensaios brasileiros
3. Ficção brasileira 4. Migração 5. Relatos pessoais
I. Leal, Marcelle. II. Marfim, Nayara. III. Título.

26-353355.0 CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Se essa rua fosse minha...



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Por Fernanda Paixão
Curadora do projeto

Narrativa Migrante é uma publicação literária que nasce do ato de caminhar. Vivemos a cidade como palco de sonhos, sabedorias, histórias, transformações e principalmente como processo de criação para a escrita. Idealizado e curado pela Feltrip, o projeto parte de uma metodologia própria já desenvolvida pela empresa em experiências de hospitalidade e adaptação cultural: caminhadas entre migrantes e brasileiros, conduzidas como práticas de presença, escuta e relação com a cidade. Ao longo de seus projetos, a Feltrip vem articulando corpo, território e encontro como formas de acolhimento e é desse campo de experiência que emerge esta publicação.

A co-idealização e realização de Narrativa Migrante é da ColetivA DELAS, hub de impacto social com atuação na economia criativa e no desenvolvimento de projetos de cultura, educação e sustentabilidade, realizando experiências formativas, eventos e conteúdos originais. Karina de Abreu e Karla Suarez, mulheres à frente da ColetivA DELAS contribuem para a

construção de uma cidade mais acessível, inclusiva e diversa. Com mais de 10 anos de atuação, elas alcançaram mais de 3 milhões de pessoas e geraram mais de 2.500 postos de trabalho.

O Narrativa Migrante é patrocinado pela consultoria EloGroup e pela Prefeitura do Rio de Janeiro via a Lei Municipal de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro, Lei do ISS, através da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Map of Relational Presence (Mapa da Presença Relacional)™, metodologia proprietária da Feltrip, desenvolvida ao longo de mais de três anos de pesquisa contínua, com a realização de mais de 200 caminhadas culturais, investiga como as pessoas constroem vínculos com o território, com o outro e consigo mesmas em contextos de deslocamento. Essa metodologia é a base utilizada no Narrativa Migrante. Suas caminhadas culturais fazem parte de um conjunto de projetos curatoriais que exploram a cartografia relacional como prática viva e, neste projeto, tornam-se também matéria literária.

As caminhadas que deram origem ao e-book Narrativa Migrante reuniram pessoas migrantes, vindas de Angola, Guiné Bissau, Tunísia e Venezuela junto a historiadoras cariocas. A partir desses encontros, Narrativa Migrante se desdobra

não apenas como publicação literária, mas como um projeto narrativo mais amplo, que inclui também a produção de uma websérie documental, exibida gratuitamente no YouTube, ampliando os percursos do corpo para outros suportes e linguagens.

Esta primeira edição reúne escritos das autoras Marcelle Leal e Nayara Marfim, convidadas a acompanhar as caminhadas realizadas no Rio de Janeiro, observando seus ritmos, conversas, desvios e silêncios. A escrita que se forma a partir desse processo mescla diário, ensaio e ficção, criando narrativas que não descrevem o percurso, mas se deixam atravessar por ele.

Marcelle e Nayara caminharam por diferentes Rios em sua formação literária e de vida, com referências ora próximas e ora distantes, tendo a cidade como fio condutor e bifurcação. O leitor caminha de um regime de escrita a outro, assim como o corpo caminha pela cidade.

Esta é a primeira edição de Narrativa Migrante: um projeto que entende a migração como experiência sensível, coletiva e em permanente movimento, algo que se escreve com os pés, com a escuta e com o tempo compartilhado. Para esta primeira edição, escolhemos o território da Pequena África e debruçamo-nos sobre a diáspora africana.

A Narrativa Migrante se compromete com o direito de ir e vir, contribuindo para migrações pacíficas e autônomas, para todos os seres humanos.

É um
beco...



SUMÁRIO



Ensaio Limítrofe, por Fernanda Paixão _____ 9-24

Escritos de Marcelle Leal _____ 25-41

Escritos de Nayara Marfim _____ 42-56

Sobre as autoras _____ 57-58

Referências bibliográficas
do texto “Ensaio Limítrofe” _____ 59-60


CHOPP

ENSAIO LIMÍTROFE

de Fernanda Paixão

ENSAIO LIMÍTROFE

Fernanda Paixão



As fronteiras são delimitações construídas ao longo da história da humanidade, dividindo lugares, territórios e assim formando cidades. Apesar de serem limítrofes, elas são também espaços de ultrapassagem, áreas de passagem, de mescla, de encontro e portas para novos mundos. Podem carregar características bélicas ou pacíficas, podem ser muralhas que afastam ou pontes que atraem. Na cidade do Rio de Janeiro, percebemos inúmeros muros: os de condomínios que isolam, os erguidos ao redor de favelas, os invisíveis traçados entre bairros de marcações sociais opostas. São fronteiras físicas, simbólicas e afetivas que organizam e, ao mesmo tempo, fragmentam o convívio urbano.

Hoje, essa cidade é um ponto minúsculo no mapa. Ao olhar o desenho do Brasil, percebe-se sua pequenez, quase caindo no grande oceano, com uma baía às costas que, para muitos, transmite segurança. A outros olhos, ela se torna uma gigante ex-capital, “monumentalizada” pela Baía de Guanabara, pelas rochas colossais, pelas proporções exageradas de um território fronteiriço a outros municípios e ao próprio mar.

Um mundo gigante ou um ponto mínimo no mapa? Talvez a cidade seja as duas coisas. Afinal, a cidade é atravessada por corpos de diferentes continentes que não apenas a atravessaram, mas a constituíram: África, Europa e, antes de todos, os povos originários que aqui sempre estiveram.

Sob ocupação originária: rios antes do Rio

Antes de ser uma divisão administrativa, militar e portuária, antes de ser território de chegadas e saídas forçadas, o Rio não era “o Rio”. Era território Tupi, Temiminó, Tamoio. Era uma rede viva de rios, mangues e restingas, e não um desenho rígido em planta baixa. Era um espaço de mobilidade fluida, sem muros, onde a lógica de cidade não existia como forma de contenção, mas como parte da paisagem: aldeias, malocas, trilhas, fluxo.

Como lembra Ailton Krenak, em uma declaração poderosa publicada pela ArchDaily Brasil em outubro de 2023, numa entrevista intitulada “Em vez de operar na paisagem, devemos nos confundir com ela”, a natureza não é um cenário externo ao humano, mas um corpo contínuo do qual fazemos parte. Krenak recusa a ideia de que a paisagem possa ser manipulada como um objeto, como se fosse algo à disposição da humanidade. Para ele, operar sobre a paisagem,

como fazem os grandes projetos urbanísticos, extrativistas ou militares, é perder a própria capacidade de pertencimento.

Ele argumenta que a lógica de assentamento, herança colonial que moldou cidades como o Rio de Janeiro, rompeu essa interdependência fundamental entre humanos e a Terra. Ocupamos como quem toma, loteamos como quem divide, construímos como quem silencia o que existia antes. A cidade moderna passa a ser uma camada que recobre a relação ancestral entre corpos e território, impondo muros, fronteiras e coordenadas onde antes havia fluxo, trilha, rio, vida.

Sob essa perspectiva, a própria ideia de cidade, como entidade delimitada, é uma invenção tardia. Antes de 1565, antes das 45 alterações e 92 divisões administrativas mapeadas no Quadro da Evolução Política do Estado, havia outro modo de habitar. Não havia a noção de “centro” e “periferia”, nem a obsessão por cercar, murar, fixar. Ocupação, para os povos originários, é uma prática de relação, não uma posse. É cuidado, não domínio. É continuidade, não corte.

Ao reler a história do Rio à luz dessa provocação de Krenak, percebemos que grande parte das

tensões contemporâneas da cidade - desigualdade, violência, segregação, apagamento - nasce exatamente dessa ruptura radical: deixamos de nos confundir com a paisagem e passamos a colonizá-la. Criamos e recriamos pretextos para destruir uma cidade.







O estranhamento como fronteira: conversar com plantas e outras impossibilidades urbanas

Há alguns anos, vivi uma experiência que, até hoje, não sei exatamente onde guardar. Eu e um colega africano, artista do Togo, conversávamos sobre materiais, corpo e aquilo que escolhemos vestir quando queremos dizer algo através da arte. Ele tinha assistido a uma performance minha em que usei folhas secas no figurino e fez um comentário que nunca me ocorrera: disse que, ao ver aquelas folhas costuradas ao meu corpo, sentiu como se eu estivesse "escravizando" a folha.

Ele não levou em consideração muitos outros aspectos importantes do trabalho, para além da folha (o que, na época, me soou como um olhar atravessado de um machismo que permeia o homem de qualquer continente), no entanto, a fala dele me atravessou como uma pedra lançada num rio calmo: deslocou tudo em volta.

Não era exatamente uma acusação: era uma percepção. Uma cosmologia inteira que eu não tinha ferramentas para compreender.

O que seria "usar" uma folha?

O que é “apropriar-se” de algo que já caiu da árvore?

Para mim, sempre foi material poético. Arte-natureza.

Para ele, era violência. Um animismo radical que eu só tinha encontrado nos textos sobre bruxas perseguidas na Inquisição. Eu lia, mas não entendia. A noção animista me chegava calcificada. Era uma teoria distante, até virar encontro.

E esse estranhamento abriu uma fresta intuitiva que, por muito tempo, tentei manter fechada.

Ela não fechava.

Em certo momento, no meio da conversa, ele me perguntou:
“Você já perguntou para as plantas da sua casa se elas querem estar lá?”.

Eu, sudestina, brasileira, formada num caldo onde a natureza é objeto, cenário, decoração, nunca tinha me perguntado se uma planta quer ou não estar em um lugar. Para mim, plantas precisavam

de luz, água, cuidado, mas querer? Desejar? Consentir?

Voltei para casa com essa pergunta martelando. Por dias me senti ridícula de sequer considerá-la.

A pergunta insistia.

Até que um dia perguntei.

Perguntei de verdade.

E, na minha experiência, por mais inconfessável que pareça, três delas "responderam" que queriam ir embora.

Eu as tirei de lá.

E até hoje me pergunto: onde termina o delírio e onde começa a sensibilidade radical?

Até que ponto a cidade nos adestra para achar que isso é loucura, e não apenas outra maneira de estar no mundo?

E, curiosamente, foi dessa mistura de incômodo, conflito, frustração e estranhamento que nasceu uma fronteira interna importante.

Porque, se uma folha pode ser “escravizada”, então um território também pode.

Se uma planta pode não querer estar ali, talvez um bairro também não queira ser o que fizeram dele.

Talvez a cidade inteira seja um organismo que ninguém perguntou se consentia.

É por isso que essa pequena conversa, apesar de suas sombras e ruídos, segue comigo.

Ela me lembra que existe uma camada animista, ancestral e radicalmente relacional sob o concreto, uma camada que, quando tocada, soa como loucura, mas apenas porque desaprendemos a ouvi-la.

Em uma das caminhadas culturais do Projeto Narrativa Migrante, na Pequena África, a historiadora Ana Carolina de Souza fez um convite aos participantes: tirem os sapatos, toquem na Pedra (Pedra do Sal). Ao obedecê-la, éramos crianças embebidas de algo inexplicável. Uma comoção estranha ao óbvio, como se ele já não existisse mais, apesar de ululante.

Caminhar entre muros

O caminhante contemporâneo encontra diversos muros em sua trajetória. Às vezes eles impedem a continuidade; outras vezes, provocam uma mudança de rota e, assim, abrem novas perspectivas. A fronteira, mesmo quando nos barra, também nos faz criar. Nos obriga a imaginar outro percurso. O tema das fronteiras se mostra, assim, propício à escrita, para escrever sobre, mas também para expandir limites dentro do próprio processo criativo. Talvez a escrita seja, ela mesma, uma forma de atravessamento.

Viver no Rio de Janeiro é conviver com fronteiras móveis. É habitar as linhas tênues entre bairros de classes sociais distintas, entre o asfalto e o morro, entre o centro e a periferia, entre o permitido e o proibido, entre o medo e o desejo. É estar sempre atravessando limites sociais.

Práticas de extermínio em áreas pobres, operações policiais violentas, precarização da saúde e da educação trazem a necessidade de encarar essa realidade tensa. Ao caminhar, migramos a narrativa de um lado para o outro, porque nosso pensamento também se desloca.

O corpo que caminha já não é o corpo que iniciou a caminhada.

É um corpo atravessado, transformado pelo encontro com outros corpos.

O geógrafo Milton Santos já via e vivia a cidade como espaço simultâneo de encontro e conflito, resultado da produção histórica do espaço social. Ela não se restringe à dimensão física ou arquitetônica: incorpora a interação entre pessoas, economia, política, poder, fluxos e desejos. É feita de ruas, prédios, infraestruturas, mas adquire sentido apenas a partir das práticas sociais que a animam. Nela, convivem escalas locais e globais, tradições e hiperconexões, desigualdade e potência.

A cidade é cenário e agente.

É onde a vida acontece e onde a vida é condicionada. É território em constante transformação, sempre fraturado entre o que poderia ser e o que
é impedido de ser.

Cidade-muro, cidade-rua, cidade-corpo

A cidade é um substantivo feminino, aglomerado, assentamento destinado à moradia e a tudo que se tem direito e a tudo que não se tem direito. Os direitos de ir e vir são atravessados por realidades proibitivas: tarifas de transporte, violência, ausência de acessibilidade, apagamentos históricos. Por isso, a cidade pode se tornar uma cidade-muro, incapaz de cumprir a promessa do espaço público, e sim atuando como divisória do que deveria ser partilhado.

O sentido da cidade migra a cada esquina. Ela é instável, mutante. O que ela significa de manhã já não é o que significa à noite.

· Ł Æ › Ø Æ

, Æ Æ º Ł Æ ª
Ø Æ ª 5 Æ Æ Ł
Ł Æ ¡ , Æ5 ª Æ Ł ª fi
¡ Ø Æ Æ
Æ ª Ł Æ Ø
ª 9 Æ Æ5
ÆØ ¡

˘ Ł Ł 95 Æ ¡
, Æ Æ E < ›
Ł Ł Æ Ł Æ Ł ª Æ
Æ Æ 5 ¡ ˙ < 95 Æ5
º fi < ª Æ Æ Æ5
Æ Ł Æ Æ ª 9 Ł Æ ¡ ˘ 5
Æ ¡ ˘ 5
E